

Uma eleição lembrada com saudade e carinho

Outubro de 1960. O Brasil se preparava para eleger Jânio Quadros, sem imaginar que, poucos meses depois, o candidato da UDN renunciaria e desencadearia um processo de crise política, culminando com a Revolução de 1964. No recém-criado Estado da Guanabara, "os cariocas votaram em ordem com um pouco de impaciência", conforme noticiara O GLOBO de 4 de outubro de 1960, e acompanharam a apuração dos votos no placar que o jornal instalara em frente à Câmara Municipal.

Em 3 de outubro de 1960, dia da última eleição presidencial do Brasil, o então Juiz Wellington Moreira Pimentel estava de plantão e circulou por várias Zonas Eleitorais. Hoje Desembargador inativo e Reitor da Universidade Gama Filho, Wellington Pimentel lembra-se que aquele dia foi trabalhoso, mas

sem incidentes. Ele próprio pôde votar com calma em Jânio Quadros.

Professor de Química em 1960, o ex-Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro Horácio Macedo fez campanha para João Goulart, candidato a Vice-Presidente. Ele conta que naquele tempo os grandes comícios aconteciam no Largo da Carioca e não na Cinelândia, como são feitos hoje.

Representante da juventude dourada de Ipanema, nos anos 60, o advogado Antônio Carlos Barandier foi às urnas para votar no Marechal Lott, sem saber que poucos anos mais tarde estaria enfrentando o período negro da repressão militar, como advogado de presos políticos.

— Lott não era o grande candidato, mas foi a opção que tivemos. Minha geração era muito politizada, lia muito. Ao mesmo tempo

em que queríamos mudar o Mundo, fundávamos um clube na Rua Nascimento Silva, frequentado pelos artistas e intelectuais.

O advogado diz que a televisão não tinha muito alcance e os eleitores se viam obrigados a ir aos comícios, frequentando até os dos candidatos adversários. Outra eleitora do Marechal Lott, a economista Maria da Conceição Tavares, que estava no Brasil há apenas quatro anos, ressalta que os comícios de então não eram violentos como os de hoje.

— Não havia esses brigadistas que hoje agredem as pessoas — critica.

Na época Deputado federal, o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa, conta ter assistido de perto a todo o drama da renúncia de Jânio e à posse de João Goulart.

— Brizola teve então um papel notável defendendo a posse de Jango — comenta o jornalista, que na época votou pela manutenção do parlamentarismo.

E acrescenta:

— Se os anos 60 pertenceram a Brizola, os anos 70 foram de Ulysses Guimarães, o primeiro a fazer comícios em favor das eleições diretas, quando lançou-se anticandidato — relembra Barbosa, que, ao lado de Ulysses, percorreu o Brasil inteiro em 1973, na campanha da anticandidatura. Barbosa ainda não decidiu em quem votará, mas adianta que deverá ser um candidato de esquerda.

Quase 30 anos separam aquela eleição desta. Wellington Pimentel afirma que em seus tempos de Magistrado havia muitos candidatos à carreira de Juiz de Direito. Isso não acontece mais hoje devido à baixa remunera-

ção dos Juizes, o que vem acarretando aposentadorias precoces. Horácio Macedo queixa-se que as universidades cresceram na ciência e tecnologia, mas abandonaram sua vocação de formadoras de pensamento e agentes de transformação social. Maria da Conceição Tavares, eleitora de Ulysses Guimarães, sente o tempo voltar com os estilos populistas de Brizola e Collor. Mas todos têm expectativas renovadas.

Quem muito poderia falar sobre a campanha presidencial de 1960 é o acadêmico Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras. Mas, sem estímulo, ele nem quer tocar no assunto:

— Não voto. Um homem de 92 anos não deve mais votar. Não quero ser responsável por nada no Brasil de hoje.